

Uma experiência com artefatos tecnológicos em turmas de alfabetização: a produção de desenhos animados curtas-metragens

Daniel de Oliveira

A produção desse texto teve como objetivo tecer uma breve reflexão sobre a relação entre escola e alguns artefatos tecnológicos com os quais convivemos atualmente, problematizando igualmente o que entendemos por alfabetização. Essas reflexões são feitas a partir de experiências com a produção de desenhos animados curtas metragens na escola.

Ao me debruçar sobre o tema, percebo movimentos de inovação, mas também de resistência, disputas e tensões. Já não são novidades as falas que apontam a escola como uma instituição que desloca dos usos sociais as mídias e tecnologias, conferindo a esses elementos usos, por vezes, puramente didáticos, como ferramenta para ensinar conteúdos pedagógicos normatizados pelos currículos da escola.

Em uma análise da relação entre tecnologias e educação, Martín-Barbero (2011) aponta uma grande distância entre os usos sociais e educacionais das tecnologias. Entendendo essa como uma das leituras possíveis sobre as relações entre escola e tecnologia, procurei desenvolver outra perspectiva. Nessa, as relações travadas no cotidiano da escola podem produzir um espaço-tempo (ALVES, 2005) de possibilidades, sem negar as tensões existentes.

Em certa ocasião, Mairce Araújo, minha orientadora, disse-me o seguinte: – *“Se a escola tornasse completamente impossível outros usos das mídias e das tecnologias, que não fossem os estritamente didáticos, as suas experiências, entre outras mais, que mostram o contrário disso, não teriam acontecido. A escola é também lugar de possibilidades”*.

Tal afirmação fez-me pensar bastante e ajudou a ampliar o olhar sobre o cotidiano escolar. Como sujeitos praticantes (CERTEAU, 2014), des-construímos o cotidiano e os currículos a partir das relações e ações

que travamos sobre o meio, coletivamente. As experiências sobre as quais conversávamos, foram as produções de desenhos animados curta-metragens, realizadas em minhas turmas de alfabetização por mim e pelas crianças.

Essa ideia surge quando, a partir das conversas com as crianças, percebo o quanto apreciam esse artefato cultural presente em seu cotidiano familiar. O processo de produção tem início quando as crianças aceitam a proposta de tentarmos fazer nossas próprias animações, mesmo com algumas desconfiadas de que conseguiríamos.

Nesse texto, não foi possível detalhar essa experiência, mas apresento de forma pontual as etapas desenvolvidas: o planejamento coletivo dos desenhos, feito pelas crianças e eu, que ocorria com conversas sentados em roda; o registro, coletivo ou individual, de algumas histórias; o desenho dos cenários e personagens, feitos pelas crianças; a animação dos desenhos, realizados por nós, juntos, utilizando notebook, câmera e um software; a nossa apreciação sobre o resultado final; e as exposições na escola e no blog da escola.

Trazer a produção de animações para o meio escolar ajudou a perceber esse cotidiano como um rico espaço-tempo (ALVES, 2005) de possibilidades para vivenciarmos situações de *ensinoaprendizagem* diferenciadas. A partir do uso dos artefatos tecnológicos em sintonia com seus usos sociais, aprendemos coletivamente: a acionar a câmera para produzir um curta; a explorar a tecnologia para produzir um artefato cultural do grupo; a apurar uma apreciação estética mediada por aqueles artefatos tecnológicos; a nos expressar e comunicar por meio da linguagem da animação.

Essa experiência ajuda a sustentar também que não só alfabetizamos com as letras, mas que alfabetizamos também *com e para* outras linguagens; experiências estéticas; usos das tecnologias; exploração das mídias etc. exercitando uma compreensão mais ampla do que significa alfabetizar.

Sobre o autor

Daniel de Oliveira é professor nos anos iniciais na Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação: Processos Formativos e desigualdades sociais, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Referências

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ALVES, Nilda. *O "Espaço-Tempo" Escolar como Artefato Cultural nas Histórias dos Fatos e das Idéias*. *Acervo*, RJ, v. 18, n. 1-2, p. 15-34, jan./dez. 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios da tecnicidade ao sistema educativo. In: FILÉ, Valter. *Escola e tecnologia: máquinas, sujeitos e contextos culturais*. RJ: Rovellet, 2011.